



## **ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E HISTÓRIA DE VIDA: SENTIDOS E (RE)FORMULAÇÕES ENTRE SUJEITOS COM TRAJETÓRIA NA EJA**

*Daniela Penha Monteiro Brito Pavini<sup>1</sup>*

*Filomena Elaine Paiva Assolini<sup>2</sup>*

*Eixo temático: 5 - Alfabetização e educação de jovens, adultos e idosos*

**Resumo:** A pesquisa que aqui se apresenta nasce a partir de um questionamento: De que maneira a alfabetização transforma a concepção que um sujeito tem de sua própria história de vida? No discurso de sujeitos alfabetizados e letrados que passaram pela EJA busca-se encontrar, como objetivo principal deste trabalho, respostas possíveis ao questionamento. Na atual fase da pesquisa, que segue em curso, foram realizadas entrevistas qualitativas com quatro pessoas, somando-se as técnicas do Jornalismo com a teoria da Análise do Discurso de matriz francesa. Concepções sobre as narrativas de si também foram mobilizadas. Ao falar de sua própria trajetória, o sujeito tem a possibilidade de (re)significar o vivido, (re)criando sentidos por meio da linguagem. Assim, nas entrevistas realizadas, buscou-se criar espaços de fala que proporcionassem a construção de nosso corpus. A teoria sócio-histórica do letramento é a base do que se compreende aqui como alfabetização e letramento. Toda pessoa possui conhecimentos, que não estão necessariamente ancorados na aquisição formal da língua. A alfabetização, assim, é compreendida como processo cultural de (re)criação de sentidos. A Análise do Discurso de Pêcheux é o referencial teórico e metodológico para a análise das entrevistas. Traçou-se um percurso da EJA no Brasil, a partir da perspectiva discursiva, compreendendo a educação como espaço de embate político, que reflete

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP Ribeirão Preto. Contato: [danielapenha@usp.com.br](mailto:danielapenha@usp.com.br)

<sup>2</sup> Pós-Doutora no Instituto de Estudos da Linguagem, IEL- UNICAMP. Professora Livre-docente da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Contato: [elainefdoc@ffclrp.usp.br](mailto:elainefdoc@ffclrp.usp.br)

desigualdades sociais instauradas. Em uma sociedade que cobra títulos e desqualifica quem não os possui, a trajetória de pessoas alfabetizadas já adultas é permeada pela falta e pela invisibilidade.

**Palavras-chaves:** EJA; Alfabetização; Análise de Discurso; Narrativas de si; Letramento

## **Introdução**

Eis aqui uma pesquisa em curso. Não está no começo, visto que muito já se percorreu. No entanto, ainda que se aproxime do fim, há sempre muito a se percorrer, em um caminho que não se esgota. Apresentamos, então, a trajetória já trilhada.

Esta investigação se faz a partir de entrevistas qualitativas, pelas quais buscamos compreender, como objetivo principal, de que maneira a alfabetização transforma a concepção que alunos participantes da EJA têm sobre suas próprias histórias de vida. Essa resposta não vem pronta. Os sujeitos não conseguem dimensionar os impactos de tamanha mudança em uma resposta única e acabada.

Assim, para delinear respostas possíveis, trabalhamos também com objetivos específicos: compreender a concepção dos sujeitos em processo de alfabetização sobre o chamado analfabetismo, analisar os lugares sociais onde estão inseridos os sujeitos não alfabetizados e conhecer as histórias de vida de sujeitos em processo de alfabetização.

A Análise de Discurso de matriz francesa, que tem como expoente Michel Pêcheux, é base teórica e metodológica da nossa pesquisa, que busca mergulhar além da superfície. Este estudo também está respaldado na teoria sócio-histórica do letramento, a partir dos pressupostos de Leda Verdiani Tfouni, que compreende os sujeitos como seres do conhecimento, da experiência, do saber. Todos somos letrados, a partir das vivências que acumulamos.

Mobilizamos concepções acerca das narrativas de si, compreendendo esse recurso como (re)encontro com o vivido. Traçamos também o percurso e historicidade da EJA no Brasil, na perspectiva discursiva. A Educação de Jovens e Adultos vem para sanar lacunas deixadas por uma sociedade desigual, na qual a palavra ainda é direito cerceado a muitos e instrumento de poder.

Assim, embasados em um vasto material teórico e metodológico, pudemos esboçar gestos de análise ao corpus constituído a partir de quatro entrevistas já realizadas.

## **2 Fundamentação teórica**

Para a busca de desvelar as complexidades dos sujeitos e conhecer suas histórias de vida, entendemos ser essencial o amparo em bases teóricas e metodológicas que compreendam as singularidades de cada trajetória, de cada caminhar. Por isso, a escolha pela Análise de Discurso de matriz francesa, tendo Michel Pêcheux como expoente, e também da teoria sócio-histórica do letramento, a partir dos estudos de Leda Verdiani Tfouni.

A Análise de Discurso nasce como resposta - uma das - à efervescência cultural e política da década de 60. Banhados na insatisfação furiosa, os movimentos estudantis e trabalhistas que marcaram a França em maio de 68 gritavam por justiça, igualdade e liberdade de pensamentos. Teoria de entremeios e confluências, busca compreender não somente o que se diz, mas como, em quais condições, por quê, por quem é dito. A língua fazendo sentido. “Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc) produz sentidos. E saber como as interpretações funcionam. (Orlandi, 2015, pág. 24). Como disciplina de interpretação, trabalha com as pistas, os vestígios deixados como marca na materialidade linguística.

A relação entre sujeito, linguagem e história é indissociável, já que o discurso - objeto sob o qual o analista se debruça - é pensado não como conteúdo, a língua pela língua, mas como o lugar onde a ideologia se manifesta, o sujeito produz sentido e a história é demarcada. Mobilizamos, assim, conceitos basilares da Análise de Discurso, tais como: sujeito, discurso, ideologia, esquecimentos, condições de produção, metáfora, arquivo, memória discursiva, formação discursiva, formação ideológica, paráfrase, polissemia.

A teoria sócio-histórica do letramento soma-se nessa travessia que busca trabalhar as singularidades dos sujeitos e da Educação. Leda Verdiani Tfouni é quem inaugura no Brasil a proposta de letramento como teoria sócio-histórica, prática que se diferencia da alfabetização, defendendo que todo sujeito pertencente a uma sociedade das letras é letrado e propondo, então, que há níveis de letramento, assim como há níveis de alfabetização.

Assim, os sujeitos, que estão imersos nessa sociedade da linguagem, chegam à escola já repletos de conhecimentos, advindos de suas experiências. A escola tem o papel essencial de ampliar os níveis de letramento do sujeito. Porém, para que o sujeito possa aprender, é preciso que a escola contemple sua trajetória de vida, suas experiências prévias e compreenda os sujeitos como seres do conhecimento.

Mobilizamos ainda os conceitos de Narrativa e Narratividade, compreendendo que

criar espaços de fala é permitir que os sujeitos possam (re)significar suas histórias de vida e empreender novas e diferentes leituras de suas próprias trajetórias.

A partir da perspectiva discursiva já exposta, analisamos a Educação de Jovens e Adultos como espaço de poder, segregação e migração de sentidos.

Os sujeitos que buscam a EJA o fazem a partir de um lugar de vivências. Somam experiências, têm um arquivo. Para que sua identidade, já tão machucada, não seja mais uma vez ferida é preciso que a escola acolha esses sujeitos em suas singularidades e complexidades.

### **3 Metodologia**

Benedita, Cícero e duas Marias, de Lourdes e do Livramento são os primeiros nomes dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. Escolhemos nomeá-los, preservando suas declarações e sem ferir a privacidade que nos confiaram, mas nomeá-los com seus primeiros nomes por entendermos necessário tirá-los da invisibilidade imposta pelas suas condições sociais. Pelas imposições da pandemia, contexto no qual essas primeiras entrevistas foram realizadas, utilizamos os meios remotos (vídeo) como instrumento.

Os quatro são imigrantes, viveram a fome em múltiplas formas, de alimento, saneamento básico, afeto, direitos. Deixaram suas terras em busca de condições dignas.

O analista de discurso trabalha com a materialidade discursiva, que consiste na relação entre língua e ideologia (Pêcheux, 1975), sendo a narrativa, que é coletada e transformada em texto, a manifestação principal dessa materialidade. Assim, depois de colhidas as entrevistas, fizemos a decupagem do material e aí voltamos a ele dezenas de vezes na busca das sequências discursivas que iriam constituir nosso corpúsculo e, depois, para encontrar os sinais, vestígios para nossa análise, no processo de ir-e-vir constante que demanda uma análise.

### **4 Resultados e Discussão**

Nos debruçamos sobre nosso corpus, colhemos sequências discursivas e passamos a analisá-las. “Nós nos significamos no que dizemos. O dizer deixa vestígios do vivido, do experimentado e o gesto de interpretação mostra os modos pelos quais o sujeito (se)significa.”, diz Orlandi, 2005. Assim, nos dizeres de nossos entrevistados buscamos compreender os sentidos que os constituem, os movem e significam suas impressões sobre o mundo. Especificamente, queremos compreender seus sentidos sobre o mundo das letras.

Os quatro sujeitos entrevistados desta primeira fase de pesquisa manifestaram que o

desejo de aprender a ler e escrever surgiu para conseguirem realizar atividades do cotidiano. Ler placas, pegar o ônibus, ler correspondências, ir ao banco, tirar a habilitação de motorista, fazer contas, preencher as fichas em uma seleção de trabalho. “Mudou bastante, nossa! Hoje eu faço umas coisas, eu leio nome de loja, leio as placas que tem nas rodovias, nas pistas”, expôs Maria do Livramento. Eles compreendem que, dessa forma, poderão conquistar autonomia e independência, já que sem a escrita precisam do outro para ler a vida e nem sempre o olhar do outro ajuda a enxergar.

Analisando seus discursos compreendemos que esses objetivos do campo prático vêm na superfície de outros do campo simbólico, como o desejo de serem notados, valorizados e conquistarem espaços que, até então, lhes foram censurados.

Os entrevistados também manifestaram sentidos de vergonha, medo e impotência por não conseguirem decodificar a língua. Sentidos que, inclusive, se deslocam em sintomas físicos: mãos suando, tremores, crises de choro. “Medo, medo. Você se sente um nada, né? Você se sente um nada. É algo muito estranho”, nas palavras de Maria de Lourdes. A vergonha faz com que eles coloquem-se em posições inferiores, subalternas. Por outro lado, enaltecem as professoras, diretoras e a pesquisadora. Referem-se a essas figuras como “doutoras”, “anjos”. Enquanto a si mesmos conferem adjetivos depreciativos: “burrinha”, “Eu era analfabeto de tudo também. Só sabia pegar na colher...”, entre outras classificações.

Conferem à escrita um lugar de onipotência, instância inalcançável. Remetem a dificuldade de aprendizado da escrita a problemas na cabeça, reproduzindo e recriando genéricos discursivos: “Não entra na cabeça”, “Está com um parafuso solto”, tão utilizados para se referir ao conhecimento como um objeto que deve ser enfiado, colocado à força “na cabeça”, que é metáfora para o cérebro, onde, de fato, o conhecimento fica armazenado

Falam da fome em seus múltiplos sentidos. A fome de alimento foi uma realidade vivenciada pelos quatro. Inferimos que a fome, como fato que intervém no real e na história, determina as trajetórias dos sujeitos e os assujeita, reproduz sentidos parafrásticos, é uma forma de censura de sentidos. Impede que os sujeitos circulem, que sejam livres ao condicionar suas ações à sobrevivência dessa falta, que é recurso essencial para a vida.

Essa fome de alimentos desloca para o campo do subjetivo, entretanto. Os sujeitos entrevistados manifestam sentidos de insatisfação com a própria trajetória de aprendizados. Por mais que consigam decodificar a língua e tenham aprendido a ler e escrever, se sentem incapazes, incompletos, famintos. A fome literal de outrora desliza para a fome das letras que, por sua vez, é metáfora para o que a aquisição da língua representa para esses sujeitos. Empregos decentes, salários que lhes possibilitem mais do que colocar comida na mesa, visibilidade, participação social, autonomia.

Manifestam também os sentidos de censura, como na frase de Benedita. “Na

faculdade e no Enem? Fazer isso aí? Então, eu num posso fazer isso aí, né? Mas, é o meu sonho. O meu pensamento é aprender a ler e escrever. É isso que eu quero”. O uso do verbo “poder” traz o sentido de cerceamento, bloqueio de sentidos e lugares. Ela entende que não pode ocupar certos papéis, já que não tem o pleno domínio da leitura e escrita. E, ainda com a ampliação de seu nível de letramento, a partir da aquisição da escrita e leitura como aluna da EJA, continua presa à censura, assujeitada às posições que lhes foram impostas. O Enem, assim como a escrita, lhe é inalcançável.

## **5 Considerações Finais**

Uma pesquisa em curso esboça considerações finais, porém, um trabalho que tem como base teorias da multiplicidade e singularidade compreende que não há conclusões, mas sim gestos de análise, versões para a história. Mesmo após a aquisição da escrita, os sujeitos entrevistados não se sentem capazes, pertencentes. Compreendem a alfabetização como a decodificação de um código que proporciona autonomia para os fazeres cotidianos, imersos na formação ideológica que coloca a aquisição da língua apenas como instrumento, sem contemplar as subjetividades múltiplas: do sujeito e das muitas leituras que a linguagem proporciona. Suas trajetórias continuam marcadas pela desigualdade e discriminação. E, ainda que o aprendizado conquistado seja bastante diante de tantos desafios e do quanto essa escrita e leitura lhes custou, os sujeitos entrevistados não valorizam a própria trajetória, não manifestam sentidos de transformação, já que continuam alocados nos mesmos lugares, presos à formação discursiva de quem quem não sabe ler, não sabe nada.

## **Referências**

- ACHARD, Pierre. **Papel da Memória**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação**. In: ZIZEK, S. (org.). Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999 (1a reimp.), p. 105- 142.
- ASSOLINI, F. E. P. **Professores e Suas Relações Com a Leitura e a Escrita: repercussões para os seus fazeres pedagógicos**. Trabalho de livre-docência apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Depto. de Psicologia e Educação. Ribeirão Preto, São Paulo: 2019
- ASSOLINI, F. E. P. **Interpretação e letramento: os pilares de sustentação da autoria**.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Depto. de Psicologia e Educação. Ribeirão Preto, São Paulo: 2003.

ASSOLINI, F.E.P. **Pedagogia da leitura parafrástica**. Dissertação de mestrado. USP: Ribeirão Preto, SP: 1999.

ASSOLINI, F. E. P. **Professores, Leitura e Escrita: relações e ecos para seus fazeres pedagógicos**. CRV: 2020

BAKHTIN, M. VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BIARNÉS, J. **O ser e as letras**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo. 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200009). Acesso em 05/05/2022.

BRUNER, J. **Fabricando histórias**. São Paulo: Letra e voz, 2014. Cap. 4

COURTINE, Jean-Jacques. **Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso**. In.: Policromias, junho 2016, p. 14-35.

CUNHA, Maria Isabel. **CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2, São Paulo, 1997.

FREIRE, P. **Viver é recriar – Um diálogo sobre a educação indígena**. In: FREIRE, P. Pedagogia da Tolerância. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014

GADET, Françoise. HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

GERALDI, J. W. **Sobre a leitura**. In: GERALDI, J.W. Linguagem e Ensino. Mercado das Letras, 2009

GINZBURG, C. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p 143-180.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

JESUS, Maria Carolina. Quarto de despejo - Diário de uma favelada. 10ª edição. São Paulo: Ática, 2014.

MOURA, V. L. P. da S.; SERRA, M. L. A. A. **Educação de jovens e adultos: as contribuições de Paulo Freire**. 2014. Disponível em: [https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_33\\_1426693042.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_33_1426693042.pdf). Acesso em 05/08/2022.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **A cidade como Espaço Político-Simbólico: Textualização e Sentido Público**. In.: Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2005b, p. 185-202.

ORLANDI, E.P. **A escrita da Análise de Discurso**. In: ORLANDI, E.P. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas – SP: Pontes, 2001 PÊCHEUX, G.;

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Eu, Tu, Ele - Discurso e real da história**. 2ª edição,

Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 12ª edição, 2015.

ORLANDI, E. **Segmentar ou recortar**. In: Série Estudos. Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (lingüística: Questões e Controvérsias), 1984. p. 9-26.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, Eni P. (org) [et. al.]. Gestos de leitura: da história no discurso. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.55-66 (Coleção Repertórios).

PÊCHEUX, G.; GADET, F. **A língua inatingível**. In: ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2007

PÊCHEUX, M. **Discurso e ideologia(s)**. In: PÊCHEUX, M. (trad. Eni Orlandi). **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 141-180.

PEREIRA, Anderson de Carvalho. **Letramento e Reificação da Escrita**. Mercado de Letras, 2012

PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice. **Legados de Michel Pêcheux - Inéditos em Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2019.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo, SP: Cultrix, 1982.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez; 1995.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo: Cortez, 2006.